

POPULAÇÃO URBANA GAÚCHA

Subsídios para um Estudo Geográfico

PROF. *Raphael Copstein**

PROF^a *Gisela Copstein***

1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA GAÚCHA

As terras do Rio Grande do Sul foram as últimas a serem incorporadas ao acervo colonial português da América. A costa retilínea e de difícil acesso fora percorrida pelos lusitanos no século do descobrimento do Brasil mas, ou pela dificuldade de acesso, ou pela falta de riquezas que despertassem a atenção ou por ambas as razões, o espaço gaúcho se constituiu durante longo período apenas em morada de errantes tribos indígenas. Foram os jesuítas espanhóis os primeiros europeus a se fixar no continente de São Pedro atraídos pela tarefa de catequese. Esta fixação inicial européia teve como consequência a introdução de gado e a formação de grandes rebanhos alçados em virtude de condições naturais favoráveis.

A exploração desse gado para satisfazer as necessidades da área das Minas atraiu os primeiros grupos brancos e, em 1737, a fundação de Rio Grande marca a presença oficial portuguesa no "Continente". Os primeiros efetivos eram formados por paulistas, mineiros, portugueses, lagunistas, ilhéus e negros; estes últimos vieram como escravos e os outros eram milicianos ou se dedicavam à agropecuária. Posteriormente, no Brasil independente, imigrantes alemães, italianos, além de outros, deram importante contribuição para formar a população gaúcha. As cifras correspondentes à população riograndense, anteriores a 1872, são de valor relativo. As dificuldades de avaliação de uma população esparsa são facilmente compreensíveis e justificam as inexatidões. Estimativas populacionais coletadas em várias fontes, dão uma idéia do contingente demográfico até meados do séc. XIX (tabela 1). (1) (2) (3)

* Professor de Geografia Humana do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS.

** Professora de Geografia Humana do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS.

- (1) ANUÁRIO ESTATÍSTICO — III Ano. *Organizado pela Repartição de Estatística do Estado*. pg. 217 e seguintes.
- (2) AZAMBUJA, Graciano A. — *Notas Estatísticas sobre a Província do Rio Grande do Sul* Anuario da Província do Rio Grande do Sul para o anno 1888. pg. 199, Porto Alegre, GUNDLACH Livreiro, 1887.
- (3) CAMARGO, Antonio Eleutério — *Quadro Estatístico e Geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1868.*

Tabela 1
População do Rio Grande do Sul
séc. XVIII e XIX

ANO	POPULAÇÃO	ANO	POPULAÇÃO
1780	17.923	1847	118.882 (só homens livres)
1803	36.721	1857	282.444
1814	70.656	1858	285.547
1822	106.196	1859	309.476
1832	182.000	1860	370.446
1846	149.363	1863	397.725

O I Recenseamento Geral do Brasil, em 1872, verificou a existência, na Província mais meridional do País, de menos de meio milhão de habitantes. Desde então, os censos que se seguiram registraram aumento constante da população gaúcha (tabela 2) que a 1o. de setembro de 1970 ultrapassavam a 6,5 milhões de pessoas.

Tabela 2
População do Rio Grande do Sul
1872/1970

RECENSEAMENTOS ANO	POPULAÇÃO TOTAL
1872	434.813
1890	897.455
1900	1.149.070
1920	2.182.713
1940	3.320.689
1950	4.164.821
1960	5.448.823
1970	6.755.458

Os primeiros núcleos com categoria oficial de cidade apareceram após a Independência; são eles: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Posteriormente, outros foram recebendo aquela categoria e, no início do século atual, seu número atingia a 20, todas sedes de municípios. Até 1938, quando saiu legislação específica, determinando que as sedes municipais tivessem categoria de cidade, estas se encontravam em apenas 28 dos 86 municípios existentes. Por força da lei, o número de cidades aumentou repentinamente em 196%. Nos dez anos seguintes foram criados 6 municípios o que elevou o número de cidades rio-grandenses a 92.

A qualificação de cidade foi uma imposição a núcleos que já possuíam função administrativa resultante de uma paulatina divisão territorial que correspondia às necessidades do Estado. A partir de 1950, nos três lustros que se seguem, verifica-se uma verdadeira avalanche de criação de municípios e, conseqüentemente de cidades, fenômeno observado não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país. A redistribuição de recursos provenientes de impostos federais mais do que qualquer outra razão foi a causa de exagerada fragmentação territorial. No decênio 1950/1960 cresce em 60% o número de cidades e, posteriormente, até a publicação da lei complementar nº 1, de 9 de novembro de 1967, o Estado aumenta a quantidade de sedes municipais em 54%. Obviamente, transformam-se em cidades, nesses

períodos, núcleos que não apresentam características citadinas e muitas vezes se registram casos em que suas populações computadas em um censo como rurais, no seguinte engrossam as colunas referentes às das cidades.

A evolução do número de cidades gaúchas é expressa na tabela 3.

Tabela 3
Evolução do número de cidades gaúchas
entre 1835 e 1970

ANO	Nº CIDADES	ANO	Nº CIDADES
1835	3	1939	88
1889	19	1950	92
1923	28	1960	150
1936	28	1970	232
1938	86		

Até 1970, a maior porcentagem da população estadual situava-se na área rural. Nesse ano, pela primeira vez na sua história, o Rio Grande do Sul registrou, nas áreas consideradas legalmente como urbanas, 53,60% do seu efetivo humano. O penúltimo censo constatou 66,12% de população rural e os dois que o antecederam registraram, respectivamente, 65,86% e 68,85%.

As populações, urbana e rural, evoluíram da forma que mostra a tabela 4.

Tabela 4
População urbana e rural do Rio Grande do Sul
1940/1970

RECENSEAMENTO ANO	POPULAÇÃO URBANA TOTAL	POPULAÇÃO RURAL TOTAL
1940	1.034.460	2.286.229
1950	1.421.980	2.742.841
1960	2.445.774	3.003.049
1970	3.620.588	3.134.870

Como se pode observar, em números absolutos, a população rural não se tem reduzido.

Por ocasião do último censo, 3.620.588 pessoas habitaram 762 sedes distritais que constituem o conjunto urbano do Rio Grande do Sul. Conta este com 232 municípios e, portanto, segundo as normas legais, com igual número de cidades que abriga 50,20% da população total. Assim, a população citadina gaúcha, em 1970, atingiu a 3.391.805 pessoas e correspondeu a 93,68% da população urbana. A população citadina, nos últimos censos, apresentou as porcentagens relacionadas na Tabela 5, em relação ao efetivo total.

Tabela 5
População citadina no Rio Grande do Sul
1940/1970

RECENSEAMENTO ANO	POPULAÇÃO CITADINA EM RELAÇÃO AO TOTAL %
1940	27,8
1950	30,4
1960	40,0
1970	50,2

Tendo em vista o comportamento da população citadina do Rio Grande do Sul, procurar-se-á estudá-la particularizando relações com a população municipal de 1970, compará-la com a existente na década anterior, examinar o seu ritmo de crescimento e verificar a sua distribuição regional.

2. RELAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO CITADINA E A MUNICIPAL

Relacionando-se os dados populacionais referentes às cidades do Estado, colhidos pelo último censo, com os respectivos efetivos municipais, constata-se que 3/4 das mesmas englobavam menos de 40% da população da respectiva comuna.

Apenas 5,17% das cidades gaúchas possuíam um efetivo superior a 80% do total da população municipal (Tabela 6).

Tabela 6
Cidades gaúchas com mais de 80% da
população municipal

CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %	CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %
Sapucaia	98,57	N. Hamburgo	95,19
Porto Alegre	98,22	Esteio	95,08
Alvorada	97,79	Campo Bom	88,89
S. Leopoldo	97,75	Est. Velha	86,62
Canoas	96,77	Rio Grande	84,62
Cachoeirinha	96,63	Uruguaiana	80,72

Situam-se na sua quase totalidade na área metropolitana; Rio Grande, o núcleo urbano mais antigo e Uruguaiana, típica cidade fronteiriça da Campanha, são as exceções deste grupo quanto à localização. No conjunto somam 1.488.117 pessoas correspondendo a 41,2% da população citadina e a 22,0% da total.

Compreendendo entre 60 e 80% dos moradores nas sedes municipais, registraram-se 8,62% das cidades do Estado (Tabela 7).

Tabela 7
Cidades gaúchas com 60 a 80% da população municipal

CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %	CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %
Santa Maria	76,89	Tramandaí	69,60
S. Livramento	76,30	Quaraí	67,59
Cruz Alta	75,18	Carazinho	66,65
Caxias do Sul	74,50	Erexim	66,61
Jaguarão	73,92	Rosário do Sul	64,45
Passo Fundo	73,60	Sapiranga	62,69
Pelotas	72,24	Dom Pedrito	62,51
Arroio dos Ratos	70,43	Canela	61,24
Alegrete	69,90	Itaqui	60,71
		Portão	60,11

Santa Maria foi a cidade que apresentou a maior concentração com 76,8% do efetivo municipal. Essa faixa abrange a 824.484 pessoas ou 12,4% da

população rio-grandense e 24,7% da cidadina. As cidades situam-se principalmente em áreas de campo ou de agricultura mecanizada. Caxias do Sul e Pelotas avultam pelos seus setores industriais.

10,34% das cidades com um contingente de 427.256 pessoas detinham entre 40 e 60% da população dos respectivos municípios (tabela 8). Santa Rosa, com 59,7%, é a cidade que se destacou pela proporção de sua população na sede. No total, a faixa abarca 6,4% da população cidadina e 12,6% da estadual. É constituída de cidades situadas em áreas de campo, arroz irrigado ou colônia.

Tabela 8
Cidades gaúchas com 40 a 60% da população municipal

CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %	CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %
Santa Rosa	59,73	S. Vitória Palmar	46,23
Ijuí	59,17	Montenegro	46,03
Butiá	59,00	Pedro Osório	45,90
São Borja	55,10	Arroio Grande	45,54
Santiago	53,66	Bento Gonçalves	44,97
Cacequi	53,40	Panambi	44,70
Guaíba	53,25	Santo Ângelo	44,56
São Gabriel	53,28	Vacaria	44,07
Cachoeira do Sul	53,00	Igrejinha	42,11
Barra do Ribeiro	49,86	Lagoa Vermelha	41,94
Taquara	49,09	S. Luiz Gonzaga	41,62
São Marcos	47,96	Tupanciretã	40,85

Tabela 9
Cidades gaúchas com 20 a 40% da população municipal

CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %	CIDADES	POPULAÇÃO CITADINA TOTAL %
Tapera	39,16	B. Retiro do Sul	26,78
Iraí	37,89	S. Pedro do Sul	26,05
J. de Castilhos	37,75	Nova Prata	25,83
Três Coroas	37,73	Getúlio Vargas	25,12
Gramado	36,04	S. Francisco de Assis	24,72
Sananduva	35,53	Erval	24,63
S. Cruz do Sul	35,13	Jaguari	24,62
Camaquã	34,48	Estrela	24,35
Lavras do Sul	34,00	Antônio Prado	24,24
Campo Real	33,61	Tapes	24,09
Farroupilha	33,35	Palm. das Missões	24,07
Garibaldi	33,21	Bom Jesus	23,98
Marcelino Ramos	32,70	Muçum	23,97
Taquari	31,92	S. Lourenço do Sul	23,20
Rio Pardo	31,38	Veranópolis	23,31
Fred. Westphalen	31,15	Flores da Cunha	23,12
Dona Francisca	30,48	Gravataí	23,10
Sarandi	29,99	Vera Cruz	23,04
Cerro Largo	29,38	Venâncio Aires	22,87
Encantado	29,25	Max. de Almeida	22,56
São Sepé	28,49	São José do Norte	22,55
Gen. Câmara	28,39	Santo Antônio	22,54
S. Bárbara do Sul	28,10	S. Sebastião do Caí	22,33
Caçapava do Sul	28,08	Santo Augusto	21,97
Ivoti	27,93	Serafina Corrêa	21,88
Triunfo	27,87	Três de Maio	21,13
S. Vicente do Sul	27,74	Ilópolis	20,98
Pinheiro Machado	27,42	Fax. do Soturno	20,81
Guaporé	27,40	Nova Araçá	20,64
Carlos Barbosa	27,29	Guar. das Missões	20,14
Ibirubá	27,12	B. de Cotejipe	20,11
Lajeado	26,85		

Correspondiam a 27,15% das cidades gaúchas as sedes que abrigam entre 20 a 40% dos respectivos efetivos municipais (tabela 9). Reunem 376.219 pessoas, ou seja, 5,06% da população total e 11,2% da cidadina estadual. Tapera, com 39,16%, era a cidade de maior porcentagem populacional no grupo.

Concentravam menos de 20% de sua população nas respectivas sedes, 48,0% dos municípios gaúchos (tabela em anexo).

São Jerônimo, entre eles, destacou-se por ter, proporcionalmente, a sua população municipal, o maior efetivo na sede, 19,8%. O censo revelou para essas cidades, 275.729 pessoas, o que correspondeu a 8,84% da população cidadina e 4,08% da população total do Estado.

Deixando de lado a Área Metropolitana, por sua peculiaridade, ressalta da análise dos vários quadros e do cartograma que é na região da Campanha que se localiza o maior número de município onde a população da sede é superior a 60% da residente na unidade administrativa. Já no Planalto e Serras do Sudeste concentram-se as cidades que possuem menos de 20% dos habitantes dos respectivos municípios.

3. CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO CITADINA

A população cidadina rio-grandense tem apresentado crescimento positivo refletido em taxas elevadas nos últimos 30 anos. Entre 1940/1950, a taxa média anual de crescimento foi 3,24% e no decênio seguinte atingiu 5,50% para regredir entre 1960/1970 a 3,59%.

A análise da distribuição das taxas de crescimento, nos períodos citados (Tabela 10), mostra que na penúltima década, apenas uma sede municipal diminuiu de efetivo, contrastando com a que lhe antecedeu e sucedeu. No espaço 1960/1970, são 17 as cidades que perderam população enquanto que 1940/1950 o seu número atingiu a 11. Em relação ao número total existente em 1940/1950 e 1960/1970, o Rio Grande do Sul registrou quase a mesma proporção de cidades com crescimento negativo, ou seja, respectivamente, 7,42% e 7,69%.

Entre 1940/1950, as taxas anuais de crescimento que abrangeram maior número de cidades situaram-se entre 2 e 2,9%, correspondendo a 20,97% do total. O decênio seguinte registou, comparativamente, uma diferença sensível pois o maior grupo, 21,08%, ficou compreendido entre a taxa de crescimento de 5,0% e 5,9% seguido pelo de 6,0/6,9% quase na mesma porcentagem. O último período, porém repete a dominância encontrada em 1940/1950. 60% das cidades revelaram em 1960/1970 taxas compreendidas entre 1,0 e 4,9% enquanto que em 1950/1960, 54% situaram-se entre 4,0 e 6,9% e em 1940/1950, 53% apresentaram taxas entre 1,0 e 3,9%.

NOTA: Não foi possível calcular as taxas médias anuais de crescimento em 1960/1970, de Boa Vista do Buricá, D. Francisca e Portão.

Tabela 10
Taxas médias anuais de crescimento citadino — 1940/1970

TAXAS %	1940/1950		1950/1960		1960/1970	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
NEGATIVAS	11	7,69	1	0,68	17	7,42
0,0 - 0,9	11	7,69	3	2,04	21	9,17
1,0 - 1,9	28	19,58	1	0,68	36	15,72
2,0 - 2,9	30	20,97	16	10,88	38	16,59
3,0 - 3,9	20	13,98	11	7,48	36	15,72
4,0 - 4,9	16	11,18	19	12,92	29	12,66
5,0 - 5,9	10	6,99	31	21,08	17	7,42
6,0 - 6,9	5	3,49	30	20,40	14	6,11
7,0 - 7,9	5	3,49	4	2,68	6	2,62
8,0 - 8,9	2	1,39	11	7,48	8	3,49
9,0 - 9,9	—	—	7	4,76	2	0,87
10 e mais	5	3,49	13	8,84	5	2,18
TOTAL	143	99,94	147	99,92	229	99,97

Comparando as taxas de crescimento da população das cidades rio-grandenses com a estadual, no decênio 1960/1970, verifica-se que 133 sedes municipais apresentaram aumento inferior ao do Estado e, em 17 das mesmas, o crescimento foi negativo (as taxas médias anuais de crescimento das cidades entre 1960/1970 encontram-se em quadro anexo).

Como 140 municípios foram criados após 1950, torna-se interessante comparar o comportamento populacional das respectivas sedes com as existentes anteriormente àquela data. Das sedes municipais anteriores a 1950, 26% possuem taxas compreendidas entre 2 e 2,9%; seguem-se os grupos de taxas compreendidas entre 3,0 e 3,9% (21,6%) 1,0 a 1,9% (17,3%) e 4,0 a 4,9% (17,3%). Os demais não se destacam porcentualmente (Tabela 11)

Tabela 11
Distribuição das taxas médias anuais de crescimento citadino
no período 1960/1970 segundo a época de criação
das sedes municipais

TAXA MÉDIA ANUAL 1960/1970 %	SEDES MUNICIPAIS ANTERIORES A 1950		SEDES MUNICIPAIS POSTERIORES A 1950	
	Nº	%	Nº	%
Cresc. Neg.	2	2,17	15	10,9
0,0 a 0,9	3	3,26	18	13,1
1,0 a 1,9	16	17,3	20	14,5
2,0 a 2,9	24	26,0	14	10,2
3,0 a 3,9	20	21,6	16	10,8
4,0 a 4,9	16	17,3	13	9,4
5,0 a 5,9	6	6,5	11	8,0
6,0 a 6,9	1	1,0	13	9,4
7,0 a 7,9	3	3,2	3	2,1
8,0 a mais	11	1,0	15	10,9
TOTAL	92	100,0	137	100

Nas cidades novas, posteriores a 1950, a distribuição dos grupos de taxas é bastante harmoniosa, havendo uma pequena predominância das taxas de 1,0 a 1,9%

Admitindo-se quatro tipos de crescimento, isto é, negativo, pequeno, médio e elevado (pequeno/0 a 1,9%; médio/2 a 4,9%; elevado/+ de 5%), verifica-se

que existem tipos de comportamento distintos para cidades antigas e novas (Tabela 12).

Tabela 12
Tipos de crescimento citadino entre 1960/1970 segundo
a época de criação das sedes municipais

TIPOS DE CRESCIMENTO	CIDADES ANTERIORES A 1950	CIDADES POSTERIORES A 1950
	%	%
Cresc. Negativo	2,1%	10,9%
Cresc. Pequeno	20,5%	27,5%
Cresc. Médio	64,9%	30,4%
Cresc. Elevado	11,7%	30,4%
TOTAL	99,2%	99,2%

1o. — entre as novas existe maior porcentagem de crescimento negativo do que entre as antigas;

2o. — entre as antigas existe maior porcentagem de crescimento médio (entre 2,0 a 4,9%) do que entre as novas;

3o. — entre as novas existe maior porcentagem de crescimento elevado (mais de 5,0%) do que entre as antigas;

4o. — entre as novas existe maior porcentagem de crescimento pequeno (entre 0,0 e 1,9%) do que entre as antigas.

Portanto, nas antigas, o crescimento concentrou-se em torno da taxa média estadual enquanto, nas novas, diferentes tipos de crescimento são encontrados quase igualmente.

Procurou-se correlacionar a taxa média anual de crescimento da população citadina em 1960/1970 com o índice de urbanização partindo da hipótese: o crescimento da população citadina é diretamente proporcional à urbanização municipal. Obteve-se o resultado de 0,096 o que permite afirmar não existir praticamente correlação entre os dois fatores.

4 RITMO DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO CITADINA

O estudo do ritmo de crescimento citadino foi executado aplicando o método criado pela Prof^a Ana de Carvalho ao estudar as cidades do Estado da Bahia e utilizado por Maria Emília Teixeira de Castro Botelho no Nordeste e num trabalho sobre a população urbana do Rio Grande do Sul. ⁽⁴⁾ Para a aplicação do método, utilizou-se um sistema de coordenadas onde ao eixo das abcissas correspondem as taxas de 1950/1960 e aos das ordenadas as de 1960/1970. (gráfico 2) Neste sistema o primeiro quadrante registra as cidades que aumentaram de população nos

(4) COPSTEIN, Raphael — *Evolução da População Urbana do Estado* in Política de Desenvolvimento Urbano, SUDESUL, GOVERNO DO ESTADO, SERFHAU, UFRGS, Vol. 2.

dois períodos. O segundo, as que diminuíram a população entre 1950/1960 e cresceram no decênio posterior. O terceiro quadrante situa as sedes municipais que perderam população nos dois decênios estudados e, finalmente, cabe ao último quadrante as cidades que cresceram entre 1950/1960 e diminuíram entre 1960/1970.

No primeiro quadrante traçou-se uma bissetriz que distribui as cidades nele compreendidas em três grupos:

1o. *crescimento progressivo* — é o das cidades cujas populações cresceram entre 1960/70 mais intensamente que entre 1950/60;

2o. *crescimento contínuo e harmônico* — compreende as cidades localizadas nas proximidades da bissetriz que cresceram nos dois períodos e cuja amplitude de aumento entre as taxas dos dois períodos não ultrapassou a 0,5%;

3o. *crescimento regressivo* — é o das cidades cujo crescimento foi maior no período 1950/60 do que em 1960/70.

Esta metodologia só pode ser aplicada a 210 cidades em virtude de não se dispor de dados para as restantes. Dessas cidades, 90,5% registraram crescimento constante entre 1950 e 1970. Entretanto, somente 18,2% delas têm crescimento progressivo, 3,3% crescem harmonicamente e 77,5% têm crescimento regressivo. Comparando o gráfico organizado com os dados de 1940 a 1960 — (gráfico 1) — com o gráfico de 1950 a 1960, verifica-se que naquele 1o. período a grande maioria das cidades possuía um ritmo de crescimento progressivo, portanto, houve uma inversão do fenômeno (gráficos 1 e 2): o ritmo de crescimento da população citadina decresceu significativamente.

4.1 Cidades com crescimento progressivo

Somam a 35 (tabela 13) ou sejam 16,6% do total das cidades estudadas. As amplitudes de crescimento mais freqüentes são as compreendidas entre 0,5 e 1,0% e que perfazem a 28,5% (tabela 14)

Tabela 13
Cidades com crescimento progressivo entre os períodos
1950/1960 e 1960/1970

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Sto. Antonio das Missões	10,7	Tramandaí	1,7
Guarani das Missões	10,0	Rosário do Sul	1,6
Liberato Salzano	6,4	Feliz	1,4
Igrejinha	5,6	Ervai	1,3
Esmeralda	5,5	Rio Grande	1,3
Ronda Alta	5,3	Sta. Cruz do Sul	1,1
Formigueiro	4,9	Sta. Bárbara do Sul	0,9
Triunfo	4,8	Bom Retiro do Sul	0,9
Porto Xavier	4,3	Arroio do Tigre	0,8
Viamão	3,9	Roca Sales	0,8
Fontoura Xavier	3,5	Taquari	0,8
Pejuçara	3,4	Vera Cruz	0,8
Ciríaco	3,3	Independência	0,7
Guaíba	3,2	São José do Ouro	0,2
Serafina Corrêa	3,2	Max. de Almeida	0,6
Augusto Pestana	3,1	Sertão	0,6
Butiá	2,9		
Canguçu	1,8		
Pinheiro Machado	1,8		

GRÁFICO 1 – RITMO DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO CIDADINA DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 1940/1950 E 1950/1960

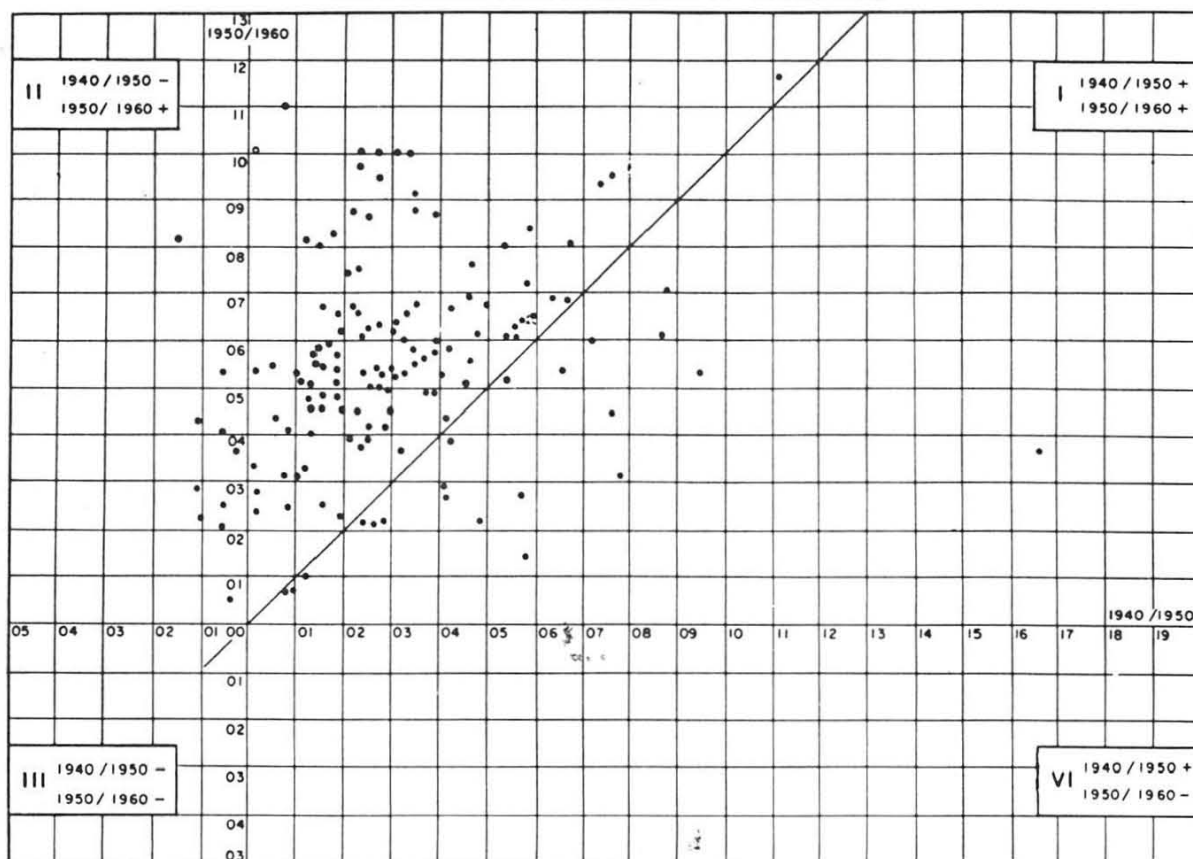


GRÁFICO 2 – RITMO DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO CIDADINA DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 1950/1960 E 1960/1970

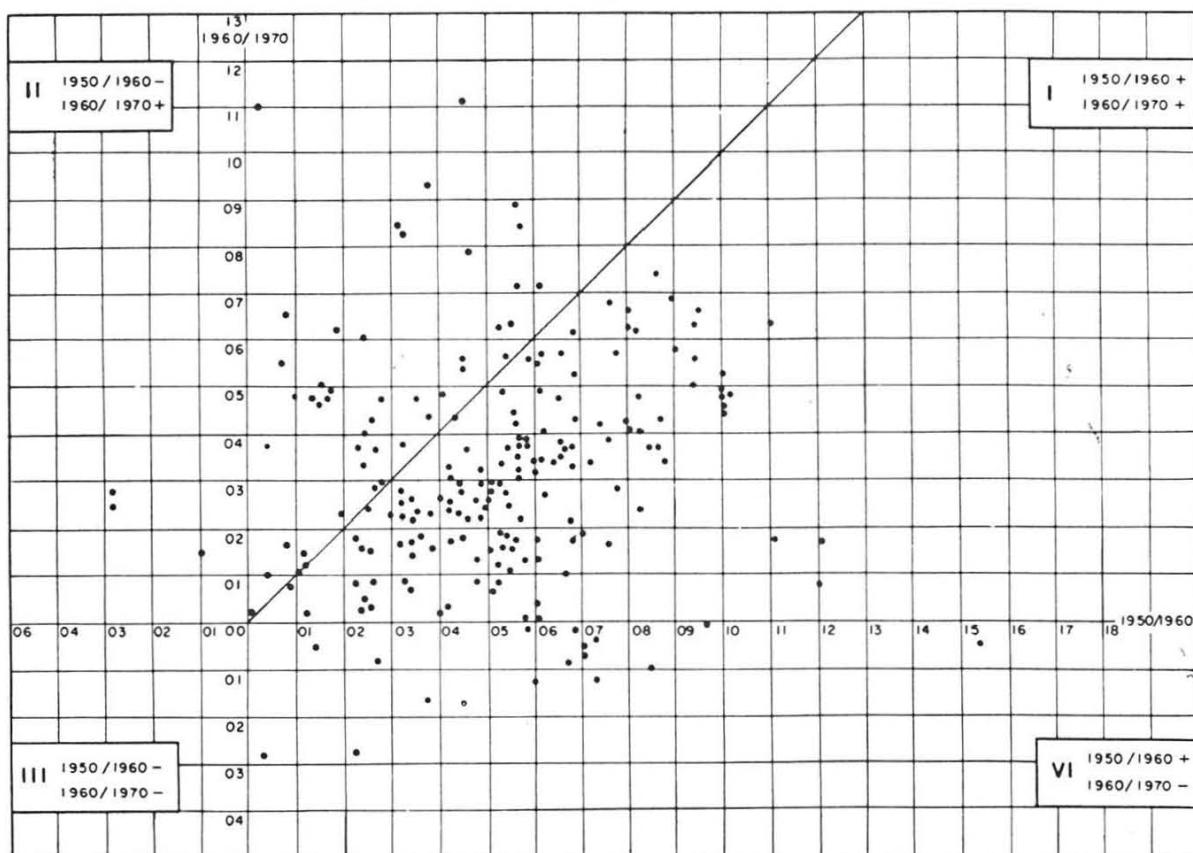


Tabela 14
Cidades com crescimento progressivo entre 1950 e 1970
classes de amplitude

CLASSES DE AMPLITUDE %	FREQUÊNCIA Nº
0,5 - 0,9	10
1,0 - 1,9	8
2,0 - 2,9	1
3,0 - 3,9	7
4,0 - 4,9	3
5,0 - 5,9	3
6,0 e mais	3

4.2 Cidades com crescimento contínuo e harmônico

São apenas sete cidades no conjunto estadual: Barão de Cotegipe, Carazinho, Condor, Jaguarão, Palmitinho, Severiano de Almeida e Viadutos.

4.3 Cidades com crescimento regressivo

São 71% das cidades do Rio Grande do Sul que viram seu ritmo de aumento populacional decrescendo. Em 19 delas, situadas na área colonial com exceção de Canoas, a amplitude de decréscimo ultrapassou a 5,0%, sendo que em 4 é superior a 10,0%. (quadro anexo)

4.4 Cidades que diminuíram de população em 1950/60 e aumentaram em 1960/70

São quatro cidades da área colonial: Cacique Doble, Caiçara, Crissiumal e Putinga.

4.5 Cidades que aumentaram de população em 1950/60 e diminuíram em 1960/70

Situam-se na área colonial, com exceção de Arroio dos Ratos: Anta Gorda, Casca, Colorado, David Canabarro, Gaurama, Ivoti, Marcelino Ramos, Nova Bassano, Nova Palma, Planalto, Porto Lucena, Rondinha, São Francisco de Paula, Tapera. Diminuíram também de população em 1970 as cidades de Boçoroca e Cambará do Sul, ainda vilas em 1960.

5. EVOLUÇÃO REGIONAL DA POPULAÇÃO CITADINA

Para analisar-se o crescimento populacional das cidades gaúchas no âmbito regional considerou-se a divisão em regiões polarizadas adotada no trabalho "Tipologia em função da estrutura de polarização de rede urbana" ⁽⁵⁾ Utilizando-se do fluxo de passageiros das linhas de ônibus inter-municipais, o autor dividiu o Estado em cinco regiões e hierarquizou as cidades em várias categorias. A primeira ou centro da 1a. ordem corresponde à Metrópole Regional e sua área metropolitana. Os centros de 2a. ordem ou as capitais regionais são núcleos urbanos que servem de

(5) NEVES, G. R. — *Tipologia em função da estrutura de polarização de rede urbana* in Política de Desenvolvimento Urbano, op. cit, vol. 3.

apoio intermediário entre as cidades de categoria inferior e a Metrópole. Os de 3a. ordem mantêm os contatos entre as de categoria inferior e as que lhe são superiores. Distinguem-se entre os centros de 3a. ordem três sub-grupos: 3A são os centros que têm uma maior intensidade de relações com sua hinterlândia, em termos de ligações com as cidades menores, vilas e povoados; centros 3B são os que apresentam menor intensidade de relações com cidades menores do que os 3A, em virtude de condições geográficas específicas; os centros 3E comportam os casos especiais de Rio Grande e Estrela. Distinguem-se os centros 3B dos de 4a. ordem por menor intensidade de relações: estes últimos têm frequência de ônibus para as cidades menores inferior a 5 por dia.

Na tabela 15 relaciona-se a população total, urbana, citadina, o grau de urbanização e a taxa média anual de crescimento da população citadina entre

Tabela 15
A população do Rio Grande do Sul segundo as regiões polarizadas

REGIÃO POLARIZADA	POPULAÇÃO TOTAL (1)	POPULAÇÃO URBANA (2)	2/1 %	POPULAÇÃO CITADINA (3)	3/1	3/2	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO CI- TADINA - 1960/70 %
Caxias do Sul	464.049	230.157	49,5	206.194	44,4	89,5	4,3
Passo Fundo	934.191	286.311	30,6	251.414	26,9	87,8	3,0
Pelotas	663.624	393.791	59,3	376.799	56,7	95,6	2,1
Porto Alegre	2.833.191	1.843.107	65,0	1.742.310	61,4	94,5	3,9
Santa Maria	1.775.327	802.488	45,2	753.271	42,4	93,8	3,4
TOTAL	6.670.382	3.555.854		3.329.988			

1960/1970 de acordo com as regiões polarizadas do Rio Grande do Sul. As regiões de maiores efetivos populacionais, sejam totais ou urbanos, são Porto Alegre e Santa Maria. A de Porto Alegre apresenta o mais elevado índice de urbanização seguida pela de Pelotas. As de Caxias do Sul e Porto Alegre registram os mais altos crescimentos citadinos, cabendo à primeira uma sensível primazia, mas é a região de Pelotas que detém maior índice de concentração de população citadina em relação à urbana.

5.1 Região de Caxias do Sul

Engloba 18 núcleos citadinos. Além de Caxias do Sul, que é de 2a. hierarquia, apresenta Bento Gonçalves e Nova Prata com hierarquia 3 B e Vacaria com 4a. Esta região é predominantemente colonial mas possui também áreas dedicadas à pecuária.

A população citadina, abrangendo 206.194 pessoas, equivale a 44% do total. A capital regional, com 107.487 habitantes, correspondendo a 70% da população do respectivo município, é de longe, no aspecto demográfico, a mais impor-

tante. Vacaria, com 25.162 pessoas, e Bento Gonçalves, com 18.879, ainda avultam na região. Das restantes, nenhuma alcança a 6.500 habitantes; seis possuem mais do que 5.000 pessoas, cinco enquadram-se entre 1.000 e 5.000 almas e 4 apresentam menos de um milhar.

Caxias do Sul, Carlos Barbosa, São Marcos, Farroupilha, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e Nova Prata desempenham função industrial, as outras estão voltadas para a agropecuária.

A maior taxa média anual de crescimento da população citadina em 1960/70 foi a de Caxias do Sul com 5,7%; 44% das cidades apresentaram taxas compreendidas entre 2,2 e 4,0% e duas cidades, São Francisco de Paula e Nova Bassano surgem com taxas negativas (tabela 16).

Tabela 16
Taxas médias anuais de crescimento da população citadina
das cidades da região de Caxias do Sul
1960/1970

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Caxias do Sul	2a.	5,7	Antônio Prado	3B	2,6
Vacaria	4a.	4,8	Nova Prata		2,6
Serafina Corrêa		4,7	Paraí		2,2
Carlos Barbosa		4,2	Cambará do Sul		1,6
Bom Jesus		4,0	Garibaldi		1,2
São Marcos		3,7	Veranópolis		1,2
Farroupilha		3,4	Nova Araçá		0,4
Bento Gonçalves	3B	3,2	Nova Bassano		-0,1
Flores da Cunha		2,9	São Franc. de Paula		-0,2

As cidades da região na sua maioria tiveram crescimento regressivo entre os períodos 1950/60 e 1960/70, (tabela 17). Somente Serafina Corrêa apresentou

Tabela 17
Amplitude de crescimento regressivo de cidades da
região de Caxias do Sul entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE	CIDADES	AMPLITUDE
Nova Araçá	5,6	Nova Prata	3,5
Vacaria	5,2	Farroupilha	2,6
São Marcos	4,8	Bom Jesus	2,2
Veranópolis	4,8	Flores da Cunha	2,0
Carlos Barbosa	4,5	Paraí	1,9
Garibaldi	3,9	Caxias do Sul	0,8
Bento Gonçalves	3,6	Antônio Prado	0,7

crescimento progressivo, com uma amplitude de 3,2%. Cambará do Sul não possui dados anteriores a 1960 que permitam a comparação.

5.2 A região de Passo Fundo

A região de Passo Fundo estrutura-se com 58 cidades distribuídas em três setores:

— região diretamente polarizada pela capital regional de Passo Fundo

- sub-região polarizada pelo centro regional de Erechim
- sub-região polarizada pelo centro regional de Carazinho

5.2.1 Região diretamente polarizada pela capital regional de Passo Fundo

Formanda por 25 cidades onde se destaca por sua população apenas Passo Fundo com 69.135 habitantes. Segue-se, em número de habitantes, Lagoa Vermelha, com apenas 12.086. As restantes enquadram-se, duas no grupo de 5.000 a 10.000 habitantes, 12 no grupo de 1.000 a 5.000 habitantes e 9 com menos de 1.000 habitantes. Passo Fundo contém mais de 70% da população do próprio município e Lagoa Vermelha mais de 40%, Tapera, 39% e Sananduva, 35%. As demais cidades não atingem a 20%.

As cidades regionais funcionam como centros polarizadores de uma economia regional agrícola onde avultam as lavouras mecanizadas.

No período 1960/70, 48% das cidades mostraram um crescimento superior a 3%. Esmeralda, com 9%, é a de taxa mais elevada. No outro extremo localizam-se Tapera, Casca e David Canabarro com crescimento negativo. (tabela 18).

Tabela 18
Taxas médias anuais de crescimento da população citadina
das cidades da região diretamente polarizada por Passo Fundo
1960/1970

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Esmeralda	3A	9,3	Barracão	3B 4a.	2,3
Espumoso		5,6	Soledade		2,3
S. José do Ouro		5,6	Marau		2,1
Ciríaco		4,9	Arvorezinha		1,8
Machadinho		4,8	Getúlio Vargas		1,8
Maxim. de Almeida		4,4	Ibiaçá		1,5
Ibiraíaras		3,8	Sertão		1,0
Passo Fundo		3,8	Paim Filho		0,9
Tapejara		3,8	Selbach		0,2
Lagoa Vermelha		3,3	Tapera		-0,05
Victor Graeff		3,2	Casca		-1,2
Sananduva		3,1	D. Canabarro		-1,9
Cacique Doble		2,8			

Predominam as cidades com crescimento regressivo (64% do total) incluindo a capital regional; registrou-se crescimento progressivo em cinco sedes municipais (20%) (tabelas 19 e 20)

Tabela 19
Amplitude de crescimento progressivo de cidades da
região diretamente polarizada por Passo Fundo,
entre os períodos 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Esmeralda	5,5
Ciríaco	3,3
Maximiliano de Almeida	0,6
Sertão	0,6
São José do Ouro	0,2

Tabela 20
Amplitude de crescimento regressivo de cidades da
região diretamente polarizada por Passo Fundo,
entre os períodos 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Arvorezinha	9,2	Passo Fundo	2,8
Machadinho	5,2	Ibiraiaras	1,9
Getúlio Vargas	5,1	Tapejara	1,9
Marau	4,7	Paim Filho	1,6
Lagoa Vermelha	3,9	Victor Graeff	1,0
Selbach	3,9	Ibiacá	0,8
Soledade	3,3	Barracão	0,7
Sananduva	2,9	Espumoso	0,4

David Canabarro, Casca e Tapera são cidades que aumentaram de população em 1950/60 e diminuíram em 1960/70; já Cacique Doble, ao contrário, diminuiu em 1950/60 e aumentou no último espaço intercensitário.

5.2.2 Sub-região de Erechim

Reune essa sub-região 13 cidades. Destaca-se, no que tange à população urbana, a sede de Erechim que concentra um efetivo correspondente a 66% da população total de seu município. As demais cidades detêm isoladamente menos de 1/3 da população de suas unidades administrativas. Marcelino Ramos e Barão de Cotegipe ainda avultam por abrigarem, respectivamente, 32,7% e 20,1% dos habitantes de seus municípios.

A Erechim, com 32.426 habitantes, corresponde 69% da população citadina sub-regional. As outras cidades constituem pequenos aglomerados dos quais apenas 6 possuem efetivos compreendidos entre mais de 1.000 e menos de 3.000 pessoas. Das cidades componentes destas regiões 46% possuem sedes com contingentes inferiores a 700 pessoas. A sub-região de Erechim é predominantemente colonial e a maior parte das sedes municipais são pequenas cidades de apoio à agropecuária, quatro delas, porém, constituem-se apenas em centros locais.

As taxas de crescimento populacional predominantes entre 1960/70 acham-se compreendidas entre 1,1 e 2,0%. Mariano Moro foi a cidade com mais elevada taxa de crescimento enquanto que Gaurama e Marcelino Ramos perderam população (tabela 21).

Tabela 21
Taxas médias anuais de crescimento da população citadina
das cidades da sub-região de Erechim
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Mariano Moro	3A	7,9	Campinas do Sul		1,3
Erechim		2,6	Itatiba do Sul		1,3
Jacutinga		2,4	Sev. de Almeida		1,1
São Valentim		2,2	Barão de Cotegipe		- 0,2
Aratiba		1,9	Gaurama		- 0,9
Ervai Grande		1,9	Marcelino Ramos		- 2,8
Viadutos		1,4			

Quanto ao ritmo de crescimento, três cidades possuem crescimento contínuo e harmônico (tabela 22), outras quatro, onde se inclui o centro regional, têm

Tabela 22
Amplitude de crescimento contínuo e harmônico de cidades da sub-região de Erechim entre os períodos 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE	%
Viadutos	0,3	
Barão de Cotegipe	0,16	
Severino de Almeida	0,0	

crescimento regressivo (tabela 23); duas diminuíram de população (tabela 21). Por falta de dados não foi possível comparar os ritmos de crescimento de Campinas do Sul, Itatiba do Sul, Jacutinga e Mariano Moro.

Tabela 23
Amplitude de crescimento regressivo de cidades da sub-região de Erechim entre os períodos de 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE	%
Erval Grande	5,1	
Aratiba	3,3	
Erechim	2,8	
São Valentim	1,0	

5.2.3 A sub-região de Carazinho

Formada por 20 cidades das quais só 20% possuem mais de 5.000 habitantes. O sub-centro de Carazinho, com 28.363 habitantes, é núcleo populacional de maior expressão, abrangendo 39,6% da população citadina da sub-região e concentrando 66,6% da população do seu município. Outras cidades que se destacam pela porcentagem de sua população em relação à municipal são Frederico Westphalen (36,4%), Iraí (37,8%) e Campo Real (36,6%). Com menos de 500 habitantes na sede aparece Liberato Salzano (414) habitantes.

É essa sub-região um domínio de colônias e agricultura mecanizada onde a população abrange 22,5% do total e 88,7% da urbana. Chapada, Alpestre e Liberato Salzano são pequenos centros locais enquanto que as demais têm função econômica básica de apoio rural.

Das sedes municipais, 45% possui taxa anual de crescimento superior a 4,0% e 15% apresentaram taxas negativas (tabela 24).

Das cidades da região, 60% apresentou crescimento regressivo (tabela 25), 10% crescimento contínuo e harmônico (incluindo-se aí Carazinho) (tabela 26), e igual porcentagem, crescimento progressivo (tabela 27). Ainda 15% das cidades apresentaram aumento em 1950/60 e diminuição em 1960/70 (tabela 24); Caiçara, ao contrário, após diminuir entre 1950 e 1960, passou a um crescimento muito expressivo (tabela 24).

Tabela 24
Taxas médias anuais de crescimento da população citadina
das cidades da sub-região de Carazinho
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Liberato Salzano	3A	11,0	Sarandi		3,3
Ronda Alta		8,4	Palmitinho		2,9
Caiçara		6,5	Chapada		1,9
Fred. Westphalen		6,1	Iraí		1,2
Constantina		5,3	Seberi		1,0
Nonoai		4,9	Alpestre		0,4
Ibirubá		4,8	Vicente Dutra		0,4
Carazinho		4,4	Colorado		1,2
Rodeio Bonito		4,3	Planalto		1,0
Campo Real		3,3	Rondinha		1,6

Tabela 25
Amplitude de crescimento regressivo das cidades
da sub-região de Carazinho entre os períodos de
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Chapada	15,1	Rodeio Bonito	2,6
Vicente Dutra	6,8	Alpestre	2,1
Seberi	5,7	Sarandi	2,0
Campo Real	5,5	Frederico Westphalen	0,8
Ibirubá	5,2	Constantina	0,7
Iraí	4,6	Nonoai	0,4

Tabela 26
Amplitude de crescimento contínuo e harmônico das cidades
da sub-região de Carazinho entre os períodos de
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Carazinho	0,1
Palmitinho	0,2

Tabela 27
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da sub-região de Carazinho entre os períodos de
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Liberato Salzano	6,4
Ronda Alta	5,3

5.3 Região de Pelotas

Pelotas com função econômica voltada para a agropecuária e indústria mas com preponderância da primeira, polariza 13 cidades entre as quais se destacam duas de 3a. ordem: Bagé e Rio Grande. Esta última com categoria especial em virtude de sua importância portuária que faz com que exerça influência para além dos limites regionais e destacando-se ainda pela sua indústria. As demais sedes municipais são de 6a. ordem, com exceção de Jaguarão que se classifica em 4a. ordem.

Na região o uso da terra é variado, aparecem áreas de pecuária, arroz irrigado, colônia e na planície costeira constata-se trechos de predominância de minifúndio. A maior parte das cidades são, portanto, centros de municípios voltados para a agropecuária. A população citadina corresponde a 56,7% do efetivo regional que abrange 663.624 pessoas. As quatro maiores cidades, Pelotas (150.278 habitantes), Rio Grande (98.863 habitantes), Bagé (57.036 habitantes) e Jaguarão (16.541 habitantes), detêm mais de 60% da população dos seus municípios. Além das três cidades já citadas com mais de 50 mil pessoas, a região possui duas com população compreendida entre 10.000 e 20.000 habitantes, quatro entre 5.000 e 10.000 habitantes e as restantes entre 1.000 e 5.000 habitantes.

As taxas de crescimento da população citadina foram positivas, sendo a maior a registrada por Canguçu (4,7%) e a menor a de Pedro Osório (0,9%). As taxas mais frequentes acham-se compreendidas entre 2,1 e 4,0% (tabela 28).

Tabela 28
Taxas médias anuais de crescimento da população
das cidades da região de Pelotas
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Canguçu		4,7	Jaguarão	4a.	2,9
Pinheiro Machado		4,2	S. Lourenço do Sul		2,9
Piratini		4,0	Sta. Vitória do Palmar		2,8
Arroio Grande		3,8	Pelotas	2a.	2,1
Rio Grande		3,8	Bagé	3B	1,7
São José do Norte		3,8	Pedro Osório		0,9
Erval		3,3			

Entre 1950/60 e 1960/70 o crescimento regressivo foi o mais importante (tabela 29). Entretanto, Rio Grande, Erval, Canguçu e Jaguarão estão aumentando seus efetivos urbanos progressivamente. (tabela 30). Apenas Jaguarão com 0,2% de amplitude, teve crescimento contínuo e harmônico.

Tabela 29
Amplitude de crescimento regressivo das cidades
da região de Pelotas entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Piratini	4,1	Arroio Grande	2,1
Pedro Osório	3,8	Bagé	1,5
S. José do Norte	2,9	São Lourenço do Sul	1,5
Pelotas	2,4	Sta. Vitória do Palmar	0,6

Tabela 30
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da região de Pelotas entre os períodos de
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Canguçu	1,8
Pinheiro Machado	1,8
Erval	1,3
Rio Grande	1,3

5.4 A região de Porto Alegre

Porto Alegre polariza diretamente uma região composta pela área metropolitana e outros 55 núcleos citadinos. Nesta região existe um centro de 3A, Santa Cruz do Sul, e um 3E, Lajeado, além de centros 3B, Montenegro, Santo Antônio, Taquara, Guaporé e Cachoeira do Sul.

Examinar-se-á a área metropolitana, a região diretamente a ela ligada e as sub-regiões de Lajeado e Santa Cruz do Sul.

5.4.1 A área metropolitana

A área metropolitana encerra 91,9% de população urbana, sendo que 89,1% de seus habitantes vivem em cidades. A Metrópole, com 869.795 habitantes, engloba 56,8% do total da população da área. Canoas com 148.798 habitantes, Novo Hamburgo, com 81.248 e São Leopoldo com 62.861, são as três sedes municipais mais populosas. Os menores efetivos encontram-se em Estância Velha, 7.707 habitantes, e Viamão, 8.055 habitantes, as demais variam entre 10.000 e 42.000. Oito cidades encerram mais de 90% da população municipal (Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Esteio e Sapucaia); Campo bom e Estância Velha compreendem mais de 80%. Já a população de Viamão representa apenas 12% do total municipal.

As taxas de crescimento no período 1960/70 foram elevadas predominando as superiores de 5,0%. Destacam-se as de Alvorada, 11%, Cachoeirinha, 10%, Guaíba, 8,8%, Sapucaia, 8,1% e Gravataí, 7,9%. A Capital e cidades de desenvolvimento mais antigo, como Canoas, Novo Hamburgo e São Leopoldo, apresentaram taxas menores (tabela 31).

Tabela 31
Taxas médias anuais de crescimento da população
das cidades da área metropolitana de Porto Alegre
1960/70

CIDADES	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %	CIDADES	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %
Alvorada	11,0	Sapiranga	6,2
Cachoeirinha	10,0	Novo Hamburgo	5,7
Guaíba	8,8	Estância Velha	5,0
Sapucaia	8,1	São Leopoldo	4,2
Gravataí	7,9	Esteio	4,1
Viamão	7,1	Canoas	4,0
Campo Bom	6,9	Porto Alegre	3,2

Somente duas cidades, Guaíba e Viamão, tiveram ritmo de crescimento progressivo entre os períodos 1950/60 e 1960/70 (tabela 32). As demais registraram crescimento regressivo (tabela 33). Não existem dados comparativos para Alvorada e Cachoeirinha.

Tabela 32
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da área metropolitana de Porto Alegre
entre os períodos de 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Viamão	3,9
Guafaba	3,2

Tabela 33
Amplitude de crescimento regressivo das cidades da
área metropolitana de Porto Alegre entre os
períodos de 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Canoas	6,0	Novo Hamburgo	2,1
Estância Velha	4,5	Sapucaia	1,9
Esteio	3,9	Sapiranga	1,8
São Leopoldo	3,8	Porto Alegre	1,7
Campo Bom	2,1	Gravataí	1,3

5.4.2 A região diretamente polarizada por Porto Alegre

Tendo 29 cidades, esta região contém apenas 29,4% de sua população concentrada nas mesmas. Duas cidades concentram cerca de 70% da população municipal na sede: Arroio dos Ratos e Tramandaí. As demais variam entre 3% de Salvador do Sul a 61% de Canela. Montenegro sabressai-se pelo número de moradores (21.497). Entre 10.000 e 20.000 habitantes existem 4 cidades; 9 englobam de 5.000 a 10.000, outras tantas, 1.000 a 5.000 habitantes e, finalmente, 2 com menos de 1.000 habitantes. Têm funções econômicas básicas bastante diversificadas: funções de apoio rural (Montenegro, Camaquã, Mostardas, Taquari, Osório, D. Feliciano, Santo Antônio, Barra do Ribeiro, Gen. Câmara, Ivoti, Portão, Salvador do Sul, São Jerônimo, Rolante, Dois Irmãos, Tapes, Triunfo e Feliz), função de apoio industrial (Igrejinha, Nova Petrópolis, Três Coroas, Gramado, Taquara, Canela e São Sebastião do Caí), função de apoio comercial (Tramandaí e Torres) e função de apoio a indústria extrativa (Arroio dos Ratos e Butiá). Encontram-se nesta região diversos tipos de uso da terra: áreas de colônia, de arroz irrigado, de pecuária e de pequenas propriedades na planície costeira.

As taxas anuais de crescimento da população das cidades no período 1960/70 mais freqüentes acham-se compreendidas entre 3,1 e 4,0%. As maiores foram as de Igrejinha, 9,0%, Tramandaí, 8,4%, e Camaquã, 7,0%. Duas cidades diminuíram de população: Arroio dos Ratos e Ivoti. Não existem dados que permitam calcular a taxa de crescimento da população urbana de Portão (tabela 34).

Tabela 34
Taxas médias anuais de crescimento da população das cidades
da região diretamente polarizada por Porto Alegre
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %
Igrejinha		9,0	Taquara	3B	3,0
Tramandaí		8,4	Sto. Antônio	3B	2,7
Camaquã	4a.	7,0	B. do Ribeiro		2,3
N. Petrópolis		5,8	Torres		2,3
Mostardas		5,6	Canela		1,8
Triunfo		5,5	Tapes		1,8
Taquari	4a.	4,8	S.S. do Caí	4a.	1,7
Osório		4,4	D. Feliciano		0,7
Três Coroas		4,0	Salv. do Sul		0,7
Montenegro	3B	3,9	Rolante		0,4
Feliz		3,7	Gen. Câmara		0,3
Butiá		3,4	Dois Irmãos		0,06
Gramado		3,3	Ivoti		0,1
São Jerônimo		3,1	Ar. dos Ratos		1,7

Seis cidades tiveram crescimento progressivo da população entre os períodos 1950/60 e 1960/70 (tabela 35), mas as demais regrediram (tabela 36).

Tabela 35
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da região diretamente polarizada por
Porto Alegre entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Igrejinha	5,6
Triunfo	4,8
Butiá	2,9
Tramandaí	1,7
Feliz	1,4
Taquari	0,8

Tabela 36
Amplitude de crescimento regressivo das cidades da
região diretamente polarizada por Porto Alegre
entre os períodos — 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Santo Antônio	12,0	Torres	2,1
Dois Irmãos	6,1	Gen. Câmara	2,1
Canela	4,2	Rolante	2,0
São Jerônimo	3,6	Montenegro	1,8
Tapes	3,5	S.S. do Caí	1,7
Nova Petrópolis	3,2	B. do Ribeiro	1,5
Gramado	3,1	Taquara	1,3
Camaquã	3,0	Três Coroas	1,1
Salvador do Sul	2,6	Mostardas	0,3
Osório	2,2	D. Feliciano	0,2

5.4.3 A sub-região de Lajeado

Formada por 15 cidades nesta sub-região encontra-se apenas uma cidade de mais de 10.000 habitantes, Lajeado, com 15.309; seguem-se três com populações

entre 5.000 e 10.000, seis entre 1.000 e 5.000 e cinco com menos de 1.000 habitantes. Nenhuma delas chega a concentrar 30% da população municipal. Destacam-se Encantado, 22,9%, Guaporé, 27,4%, Lajeado, 26,8% e Estrela, 24,3%. No conjunto, a população representa 20,3% da população total da sub-região.

Distinguem-se centros locais como Ilópolis e Anta Gorda, várias cidades com função econômica básica de apoio rural (Arroio do Meio, Encantado, Guaporé, Barros Cassal, Fontoura Xavier, Putinga, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul e Nova Bréscia) e cidades com função econômica básica de apoio industrial (Lajeado, Roca Sales, Estrela e Muçum). Esta região é tipicamente colonial.

Predominam as taxas de crescimento citadino inferiores a 1,0%, incluindo-se neste caso, um centro 3B (Guaporé). As maiores taxas de crescimento são as do centro regional Lajeado, 5,4% e das cidades de Barros Cassal, 6,6% e Fontoura Xavier, 6,0%. Anta Gorda é uma cidade que diminuiu de população no período (Tabela 37)

Tabela 37
Taxas anuais de crescimento da população das cidades
da sub-região de Lajeado
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXAS MÉDIAS ANUAIS %
Barros Cassal	3A	6,6	B. Retiro do Sul	3B	1,7
Fontoura Xavier		6,0	Muçum		1,0
Lajeado		5,4	Guaporé		0,7
Roca Sales		3,3	Cruzeiro do Sul		0,2
Estrela	3E	2,5	Ilópolis		0,2
Arroio do Meio		2,4	Nova Bréscia		0,07
Putinga		2,4	Anta Gorda		-0,3
Encantado	4a.	1,7			

Das cidades componentes da sub-região somente três tiveram crescimento progressivo entre os períodos 1950/60 e 1960/70 (tabela 38 e tabela 39).

Tabela 38
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da sub-região de Lajeado entre os períodos de
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Fontoura Xavier	3,5
Bom Retiro do Sul	0,9
Roca Sales	0,8

Tabela 39
Amplitude de crescimento regressivo das cidades da
sub-região de Lajeado entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Encantado	5,9	Barros Cassal	3,0
Nova Bréscia	5,7	Arroio do Meio	1,8
Muçum	4,4	Estrela	1,7
Guaporé	4,3	Ilópolis	1,0
Cruzeiro do Sul	3,8	Lajeado	0,1

A cidade de Putinga, após decrescer de população entre 1950/60, teve aumento no último período intercensitário.

5.4.4 A sub-região de Santa Cruz do Sul

Nesta sub-região encontram-se 11 cidades sendo que Cachoeira do Sul, centro 3B, com 50.001 pessoas ultrapassa em número de habitantes o sub-centro de Santa Cruz do Sul (30.496 habitantes). Destaca-se ainda, por sua população, Rio Pardo, com 16.857 habitantes. No que se refere à população das outras sedes municipais, três possuem entre 5.000 e 10.000 habitantes, 4 entre 1.000 e 5.000 e um menos de 1.000 habitantes. No conjunto a sub-região possui 30,6% de população citadina em relação à total.

Santa Cruz do Sul é uma cidade com função econômica básica de apoio industrial, Arroio do Tigre e Santana da Boa Vista são centros locais e as restantes constituem-se em centros de apoio à agropecuária. No que tange ao uso da terra, o mesmo é bastante diversificado nesta sub-região; encontram-se áreas de colônia, pecuária, arroz irrigado e agricultura mecanizada.

Nesta área são mais freqüentes as taxas superiores a 4,0% (tabela 40).

Tabela 40
Taxas médias anuais de crescimento das cidades da
sub-região de Santa Cruz do Sul
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Vera Cruz	3A	6,1	Candelária	3B	2,7
Sobradinho		4,8	Cachoeira do Sul		2,5
Sta. Cruz do Sul		4,7	Rio Pardo		1,5
Agudo		3,9	Encruzilhada do Sul		1,2
Venâncio Aires		3,7	Santana da Boa Vista		0,9
Arroio do Tigre		3,6			

O ritmo de crescimento predominante no decênio, foi o regressivo; somente 27% das cidades apresentaram ritmo de crescimento progressivo, onde se destaca Santa Cruz do Sul com 4,7% (tabelas 41 e 42).

Tabela 41:
Amplitude de crescimento progressivo das cidades da
sub-região de Santa Cruz do Sul entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Santa Cruz do Sul	4,7
Arroio do Tigre	0,8
Vera Cruz	0,8

Tabela 42
Amplitude de crescimento regressivo das cidades da
sub-região de Santa Cruz do Sul entre os períodos
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %	CIDADES	AMPLITUDE %
Venâncio Aires	4,9	Candelária	2,7
Rio Pardo	3,9	Cachoeira do Sul	2,5
Agudo	3,7	Santana da Boa Vista	2,4
Encruzilhada do Sul	3,6	Sobradinho	1,7

5.5 *Região de Santa Maria*

Com 74 cidades, é a maior de todas as regiões polarizadas. Santa Maria, além de polarizar diretamente 27 centros urbanos, possui na sua região quatro cidades de 3a. ordem: Cruz Alta, Santo Ângelo, Ijuí e Santa Rosa que, por sua vez, são centros de sub-regiões.

5.5.1 *Região diretamente polarizada por Santa Maria*

Possui 56,2% de população citadina em relação à população total (905.490 habitantes). As cidades de Santa Maria, Sant'Ana do Livramento e Alegrete concentram mais de 70% da população total dos respectivos municípios. Santa Maria, com 120.667 habitantes, Sant'Ana do Livramento, com 48.448 habitantes, e Júlio de Castilhos, com 45.522 habitantes, são as maiores sedes municipais. Entre 20.000 e 30.000 habitantes, concentram-se cinco cidades; entre 10.000 e 20.000 habitantes, três: entre 5.000 e 10.000, seis; entre 1.000 e 5.000, sete; e duas com menos de 1.000 habitantes.

Esta é uma região onde domina a orizicultura e a pecuária mas é também significativa a presença de áreas coloniais. Praticamente todas as suas cidades têm a sua função econômica básica voltada para o meio rural.

As taxas de crescimento da população citadina no período 1960/70 indicam uma predominância, na região, para as compreendidas entre 2,2% e 3,0%. Santo Antônio das Missões, 11,0%, Formigueiro, 8,2%, Rosário do Sul, Santa Maria e São Sepé, respectivamente, com 4,3, 4,2 e 4,1%, apresentaram taxas mais elevadas. Apenas Nova Palma viu seu efetivo urbano diminuído no período (tabela 43). Não existem dados comparativos do crescimento de Dona Francisca.

Apenas Santo Antônio das Missões, Formigueiro e Rosário do Sul apresentaram crescimento progressivo (tabela 44); as outras, inclusive a capital regional, revelaram decréscimo no ritmo de expansão da população citadina (tabela 45).

Tabela 43
Taxas médias anuais de crescimento das cidades da região
diretamente polarizada por Santa Maria
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Sto. Antônio das Missões		11,0	Santana do Livramento	3B	2,5
Formigueiro		8,2	São Borja		2,4
Rosário do Sul	4a.	4,3	Quaraí		2,3
Santa Maria	2a.	4,2	Uruguaiana	3B	2,2
São Sepé		4,1	Jaguari		1,8
Santiago	3B	3,7	São Gabriel	4a.	1,8
Júlio de Castilhos	4a.	3,6	Cacequi		1,6
Caçapava do Sul		3,5	Fax. Soturno		1,6
São Francisco de Assis		3,5	Lavras do Sul		1,6
Restinga Seca		3,5	Tupanciretã		1,6
Alegrete	4a.	3,0	Mata		0,8
São Pedro do Sul		2,9	Nova Palma		0,9
Dom Pedrito		2,8			
Itaqui		2,6			
São Vicente do Sul		0,8			

Tabela 44
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da região diretamente polarizadas por
Santa Maria entre – 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Santo Antônio das Missões	10,7
Formigueiro	4,9
Rosário do Sul	1,6

Tabela 45
Amplitude de crescimento das cidades da região diretamente
polarizada por Santa Maria entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
São Vicente do Sul	4,3
Tupanciretã	3,7
São Sepé	3,4
Júlio de Castilhos	3,1
São Borja	3,0
São Gabriel	2,8
Alegrete	2,7
Cacequi	2,3
Caçapava do Sul	1,9
Restinga Seca	1,8

5.5.2 Sub-região de Cruz Alta

Esta sub-região é formada por quatro cidades: Cruz Alta, com 43.568 habitantes, Panambi, 7.251 habitantes, Santa Bárbara, 2.602 habitantes e Pejuçara, 602 habitantes. A primeira delas foi a de menor taxa de crescimento, enquanto que as outras cidades (tabela 46) apresentaram uma taxa anual em torno de 5%.

Essas são cidades de função básica voltada para a agricultura e situam-se em áreas de colônia e de agricultura mecanizada.

Tabela 46
Taxas médias anuais de crescimento da população
das cidades da sub-região de Cruz Alta
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Santa Barbara do Sul	3A	5,5
Pujuçara		5,0
Panambi		4,9
Cruz Alta		2,7

O centro regional e a cidade de Panambi têm um ritmo regressivo de população (tabela 47), enquanto Pejuçara e Santa Bárbara do Sul têm um ritmo progressivo entre 1950/60 e 1960/70 (tabela 48) .

Tabela 47
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da sub-região de Cruz Alta entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Pejuçara	3,4
Santa Bárbara do Sul	0,9

Tabela 48
Amplitude de crescimento regressivo das cidades
da sub-região de Cruz Alta entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Cruz Alta	2,6
Panambi	1,2

5.5.3 Sub-região de Ijuí

Esta sub-região é que reúne maior número de cidades (20) na região de Santa Maria. Ijuí, com 59,17% da população municipal, possui 31.879 habitantes, segue-se Palmeira das Missões com 14.146 habitantes e Três Passos com 7.924 habitantes. Entre 1.000 e 5.000 habitantes, contam-se 7 cidades. As outras 10, contam com efetivos de menos de 1.000 habitantes. O total da população citadina (78.216 habitantes) corresponde a apenas 21,7% da população municipal (358.814 habitantes). Predominam as taxas de crescimento superiores a 5,0%, destacando-se São Martinho e Miraguaí, respectivamente com 8,1% e 11,0%. Não se registrou diminuição de população em nenhuma cidade (tabela 49).

Tabela 49
Taxas médias anuais de crescimento da população
das cidades da sub-região de Ijuí
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %	CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Miraguaí	3B	11,0	Ijuí	3A	4,8
São Martinho		8,1	Augusto Pestana		4,7
Redentora			Condor		3,5
Campo Novo		6,6	Catuípe		2,5
Sto. Augusto		6,1	Erval Seco		1,7
Palmeira das Missões		5,6	Crissiumal		1,5
Cel. Bicaco		5,5	Humaitá		1,5
Chiapeta		5,4	Tte. Portela		0,8
Ajuricaba		5,2	Braga		0,2
Três Passos	3B	5,2			

Todas essas sedes municipais têm sua função básica voltada para a agropecuária, a maioria funciona com o centro local, as mais importantes, Ijuí e Palmeira das Missões, são centros coletores de expressão.

A área compreende grandes extensões ocupadas para colônias e por agricultura mecanizada.

Na sub-região há o predomínio das cidades com aumento regressivo, incluindo o centro regional e as cidades de categoria 3B, (tabela 51). Augusto Pestana e Condor tiveram crescimento progressivo (tabela 50). Não existem dados comparativos para Braga, Chiapeta, Coronel Bicaco, Humaitá, Miraguaí e São Martinho. Crissiumal teve diminuição de população entre 1950 e 1960 e crescimento entre 1960 e 1970.

Tabela 50
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da sub-região de Ijuí entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE	%
Augusto Pestana	3,1	
Condor	0,3	

Tabela 51
Amplitude de crescimento regressivo das cidades
da sub-região de Ijuí entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE	%
Tenente Portela	11,2	
Três Passos	4,8	
Palmeira das Missões	3,9	
Ijuí	3,4	
Catuípe	2,5	
Ervál Seco	2,5	
Santo Augusto	1,9	
Ajuricaba	1,7	
Campo Novo	1,4	
Redentora	0,8	

5.5.4 Sub-região de Santo Ângelo

Nesta sub-região, 31,7% (64.717 habitantes) da população total (204.062 habitantes) vive nas cidades e duas delas, Santo Ângelo e São Luiz Gonzaga, concentram cerca de 40% da população total dos respectivos municípios. Da dezena de cidades da sub-região, duas possuem mais de 10.000 habitantes; uma, entre 5.000 e 10.000 habitantes; duas, entre 1.000 e 5.000 habitantes e 5 com menos de um milhão de pessoas.

Dessas sedes municipais funcionam como centros locais as de Campina das Missões, Roque Gonzales, Caibaté, São Paulo das Missões, São Micolau e Bosso-roca. Com função básica de apoio rural, tem-se Guarani das Missões, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e Cerro Largo.

A terra da sub-região distribui-se em colônias, campo e agricultura mecanizada.

No período 1960/70, verifica-se um predomínio das taxas de crescimento populacional entre 2,1% e 3,0%. A maior taxa é de Guarani das Missões, 7,1%. Somente se registrou decréscimo de população em Bossoroca (tabela 52).

Tabela 52
Taxas médias anuais de crescimento da população das
cidades da sub-região de Santo Ângelo
1960/1970

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Guarani das Missões	3A	7,1
Santo Ângelo		3,4
Campina das Missões		2,9
Roque Gonzales		2,9
São Luiz Gonzaga		2,8
Caibaté		2,1
Cerro Largo	3B	1,8
São Paulo das Missões		1,5
São Nicolau		1,4
Bossoroca		-0,8

Entre 1950/60 e 1960/70 só Guarani das Missões teve crescimento progressivo com amplitude de 1%. As demais tiveram crescimento regressivo (tabela 53). Não foi possível fazer as comparações relativas à Bossoroca, Caibaté e São Paulo das Missões.

Tabela 53
Amplitude de crescimento regressivo das cidades de
Santo Ângelo entre - 1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Cerro Largo	10,2
Campinas das Missões	4,9
Santo Ângelo	2,8
São Luiz Gonzaga	2,2
Roque Gonzales	2,1
São Nicolau	2,1

5.5.5 Sub-região de Santa Rosa

A sub-região de Santa Rosa apresenta baixa porcentagem de população citadina nas sedes municipais excetuando o centro de Santa Rosa que detém 59,7% da população do município (23.661 habitantes), as outras cidades não atingem a 30% do total dos habitantes dos respectivos municípios. Uma delas tem sua população compreendida entre 5.000 e 10.000 habitantes, 7 entre 1.000 e 5.000 habitantes e as outras 3, menos de 1 milhão de pessoas. A população citadina da sub-região corresponde a 21,4% (47.111 habitantes) do efetivo total.

Nesta área predominantemente colonial, Alecrim, Cândido Godói, Independência, Porto Lucena, Porto Xavier e Tucunduva têm função de centros locais enquanto que Santa Rosa, Três de Maio, Tuparendi, Giruá e Santo Cristo desempenham função econômica básica de apoio rural. Horizontina volta-se para o setor industrial.

Tabela 54
Taxas médias anuais de crescimento da população
das cidades da sub-região de Santa Rosa
1960/70

CIDADES	HIERARQUIA	TAXA MÉDIA ANUAL %
Alecrim	3A	8,9
Cândido Godoi		8,4
Horizontina		7,4
Santa Rosa		6,5
Tucunduva		6,4
Independência	3B	6,2
Porto Xavier		6,2
Três de Maio		4,8
Tuparendi		3,8
Giruí		3,4
Santo Cristo		2,4
Porto Lucena		-0,5

Há um predomínio das cidades com taxa de crescimento superior a 5,0%, destacando-se Alecrim e Cândido Godoi com, respectivamente, 8,9% e 8,4%. Inclui-se entre as de taxa superior a 5,0% o centro regional de Santa Rosa. Porto Lucena no período estudado viu sua população reduzir-se.

Registram-se duas cidades com ritmo de crescimento progressivo entre 1950/60 e 1960/70: Independência e Porto Xavier (tabela 55). Nas demais o crescimento foi regressivo.

Tabela 55
Amplitude de crescimento progressivo das cidades
da sub-região de Santa Rosa entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Porto Xavier	4,3
Independência	0,7

Tabela 56
Amplitude de crescimento regressivo das cidades
da sub-região de Santa Rosa entre
1950/60 e 1960/70

CIDADES	AMPLITUDE %
Santo Cristo	5,8
Três de Maio	5,2
Tucunduva	4,6
Giruí	3,2
Santa Rosa	2,8
Horizontina	1,2
Tuparendi	0,6

Por falta de dados não se procedeu as comparações que seriam pertinentes a Alecrim e Cândido Godoi.

Porto Lucena aumentou de população entre 1950/60 e diminuiu entre 1960/70.

Cidades gaúchas com menos de 20% da população municipal

CIDADES	POPULAÇÃO %	CIDADES	POPULAÇÃO %
São Jerônimo	19,82	Cambará do Sul	10,77
Soledade	19,66	Santana da Boa Vista	10,53
Encruzilhada do Sul	19,39	Tuparendi	10,24
Sobradinho	18,69	Porto Xavier	10,11
Roca Sales	18,67	Formigueiro	10,01
Sto. Antônio das Missões	18,66	São Martinho	9,92
Três Passos	18,32	São Nicolau	9,92
Sertão	17,67	Chapada	9,82
Pejuçara	17,54	Nova Palma	9,75
Girúá	17,44	Augusto Pestana	9,70
Tapejara	16,78	Arvorezinha	9,56
Cruzeiro do Sul	16,56	Nova Bréscia	9,04
Campinas do Sul	16,40	Jacutinga	9,02
São Francisco de Paula	16,35	Putinga	9,00
Campo Novo	16,21	Barracão	8,82
Osório	16,04	Rondinha	8,64
Catuípe	16,03	Vicente Dutra	8,63
Nova Petrópolis	15,85	Ibiraíaras	8,61
Horizontina	15,59	Redentora	8,41
Seberi	15,58	Cangussu	8,40
Esmeralda	15,43	Humaitá	8,30
Dois Irmãos	15,34	Ciríaco	8,28
Nova Bassano	15,13	Boa Vista do Buricá	8,21
Mata	14,97	Aratiba	8,20
Torres	14,56	Barros Cassal	8,15
Marau	14,46	Itatiba do Sul	7,90
Candelária	14,36	Ronda Alta	7,85
Gaurama	14,36	Ajuricaba	7,77
Paráí	14,33	Nonoai	7,64
Restinga Seca	14,18	Constantina	7,48
Arroio do Meio	14,17	Victor Graeff	7,41
Colorado	14,11	Mostardas	7,01
Cel. Bicaco	13,97	Severiano Almeida	6,97
Viaduto	13,88	Caçara	6,79
Miraguaí	13,52	Roque Gonzales	6,46
Crissiumal	13,47	Anta Gorda	6,27
Bossoroca	13,10	Erval Grande	6,23
Paim Filho	12,96	Campinas Missões	6,21
Machadinho	12,88	Rodeio Bonito	6,13
Chiapeta	12,85	São Paulo das Missões	5,95
São José do Ouro	12,73	Independência	5,87
Ibiaçá	12,67	Caibaté	5,64
Tenente Portela	12,63	Braga	5,83
Viamão	12,14	Cândido Godoi	5,64
Mariano Moro	12,08	Alpestre	5,52
Condor	12,02	Casca	5,39
Feliz	11,89	Dom Feliciano	4,67
Santo Cristo	11,89	Erval Seco	4,65
Agudo	11,72	Arroio do Tigre	4,16
Espumoso	11,56	Liberato Salzano	4,08
Piratini	11,56	Salvador do Sul	3,62
Rolante	11,18	Palmitinho	3,59
Selbach	11,17	São Valentim	3,25
Porto Lucena	11,02	Fontoura Xavier	3,14
Cacique Doble	10,98	Alecrim	3,06
Tucunduva	10,97	David Canabarro	2,80

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na maior parte dos municípios gaúchos as sedes concentram baixa porcentagem da população total. Quase a metade delas, 48,7%, possuíam menos de

20% do efetivo de sua unidade administrativa. Encontram-se, essas cidades, distribuídas principalmente no Planalto e nas Serras do Sudeste.

Entre 1960 e 1970, a maior freqüência das taxas médias anuais de crescimento da população citadina estava compreendida entre 2,0 e 2,9%. Comparativamente com a década anterior o período 1960/1970 apresentou uma proporção maior de cidades que viram sua população reduzida. Um número apreciável delas foi elevada a esta categoria após 1950, o mesmo acontecendo com a maior parte das cidades que apresentaram crescimento populacional, superior a 5%.

Em vinte anos (1950/1970) 90,5% das cidades do Rio Grande do Sul, tiveram acrescida sua população. O crescimento, entretanto, somente foi progressivo em 18,2; em 3,3% foi contínuo e harmônico e, finalmente, em 79,5% as populações citadinas viram o ritmo de aumento regredir. A esta dominância de crescimento regressivo se opõe a de crescimento progressivo verificado no Estado entre 1940/1950 e 1950/1960. A explicação possivelmente se encontra em atos legais que alteram a demarcação dos limites urbanos para inclusão de áreas que se urbanizaram nos arredores e anteriormente classificadas como rurais. Conseqüentemente, o aumento das superfícies das cidades refletem-se no efetivo populacional. A sua constatação foge ao objetivo deste trabalho mas pode-se acrescentar que este fenômeno se verificou em muitos países, segundo Kingsley Davis.⁽⁶⁾

Examinando as taxas médias anuais de crescimento das cidades nas regiões polarizadas, constata-se que na Área Metropolitana e nas sub-regiões de Santa Rosa e Ijuí a maior parte dos centros urbanos registraram taxas superiores a 5%. As taxas entre 2 e 5% foram as mais freqüentes na região de Pelotas, sub-regiões diretamente polarizadas por Porto Alegre, Santa Maria, Passo Fundo e nas sub-regiões de Santa Cruz do Sul, Cruz Alta, Santo Ângelo e Carazinho. Predominaram as taxas inferiores a 2% somente nas sub-regiões de Lageado e Erechim.

Considerando as áreas de uso da terra, as taxas mais freqüentes nas zonas agrícola e pecuária acham-se compreendidas entre 2 e 5%. Destacam-se as mais elevadas, acima de 5%, nas sub-regiões de Santa Rosa e de Ijuí, predominantemente agrícolas. Nas cidades com expressivo equipamento industrial, também dominaram as taxas entre 2 e 5%.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. Anuário Estatístico — III Ano. *Organizado pela Repartição de Estatística do Estado.*
2. AZUMBUJA, Graciano A. — *Notas Estatísticas sobre a Província do Rio Grande do Sul* — Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o anno 1888, Porto Alegre, GUNDLACH Livreiro, 1887.
3. CAMARGO, Antônio Eleutério — *Quadro Estatístico e Geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* — Porto Alegre, 1868.

(6) DAVIS, Kingsley — *A Urbanização da Humanidade in Cidades* Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1970, pg. 16.

4. COPSTEIN, Raphael — *Evolução da População Urbana do Estado* in Política de Desenvolvimento Urbano, SUDESUL, GOVERNO DO ESTADO, SERFHAU, UFRGS, Vol. 2, 1970.
5. DAVIS, Kingsley — *A Urbanização da Humanidade* in *Cidades*, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
6. NEVES, G. R. — *Tipologia em função da estrutura de polarização de rede urbana*, in Política de Desenvolvimento Urbano, SUDESUL, GOVERNO DO ESTADO, SERFHAU, UFRGS, Vol. 3, 1970.
7. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico do Rio Grande do Sul, 1970.

NOTÍCIAS

PESQUISAS

Encontra-se em fase adiantada de elaboração a pesquisa sobre “Evolução Urbana de Rio Grande” que está sendo executada pelo Prof. Raphael Copstein, da disciplina de Geografia Humana.

O Prof. Jorge Ramão Pedebos, da disciplina de Geografia Regional, iniciou pesquisa sobre a evolução da cultura de feijão soja no Rio Grande do Sul e seus efeitos no setor terciário e secundário.

Prosseguem as pesquisas sobre “Transformações do Meio Rural na Área Metropolitana de Porto Alegre” desenvolvidas pelo Prof. Gervásio Rodrigo Neves e que deverão ser concluídas no início de 1974.

A Prof^a. Gisela Copstein ultima seu trabalho sobre “Funções das Cidades Gaúchas” apoiado em dados da população ativa de 1970.

Será apresentado, este ano, o resultado da pesquisa realizada no Núcleo de Reforma Agrária de Itapuaí (Município de Viamão). O trabalho aborda problemas ligados ao rendimento, à produtividade e níveis de desemprego e sub-emprego numa colônia estacionária, caracterizada por monocultura de arroz e forte sub-emprego rural. A pesquisa foi realizada como trabalho de graduação da acadêmica Tanara Moreno, sob a orientação do Prof. Gervásio Rodrigo Neves.

MESTRADO

A Prof^a. Gisela Copstein alcançou o grau de Mestre em Geografia, pela Universidade de São Paulo, com a tese “Tapes, cidade arrozeira da planície lagunar gaúcha”.

Com o trabalho “Mão-de-obra rural na área metropolitana de Porto Alegre — Metodologia” o Prof. Gervásio Rodrigo Neves obteve o título de Mestre em geografia pela Universidade de São Paulo.

A Prof^a. Jussara Maria Dias de Siqueira, da disciplina de Geografia do Brasil, está realizando as pesquisas referentes à tese de mestrado em Geografia Física que versará sobre “Contribuição à Geomorfologia da Região de São Francisco de Assis, RS”. O trabalho está sendo orientado pelo Prof. Dr. Aziz Nacib Ab'Saber, da Universidade de São Paulo.

RADAM

A Prof^a. Alba Maria Baptista Gomes, da disciplina de Geografia do Brasil, participou, a convite do Ministério de Minas e Energia, de uma das equipes do “Projeto Radam” (Radar na Amazônia) no período compreendido entre janeiro e abril do corrente ano. Colaborou especificamente na equipe de Geomorfologia (fotointerpretação de áreas do Amapá e Roraima). Entre julho e agosto do ano passado a referida Professora já havia colaborado com a equipe do RADAM encarregada do levantamento geomorfológico da Bacia Maranhão-Piauí.